Dia 26 — São João e São Paulo, Irmãos, Mártires

Estes dois ilustres mártires, tão célebres na Igreja universal, foram italianos de nação e, ao que se crê, de muito nobre nascimento; mas se fizeram respeitar muito mais por seu mérito pessoal e por aquele inviolável amor à religião cristã, de cuja pública profissão faziam o mais generoso alarde.

A princesa Constância, filha do imperador Constantino, o Grande, sarou repentinamente de certa molesta enfermidade pela intercessão de Santa Inês e, agradecida a este benefício do céu, determinou renunciar às vaidades do mundo, fazendo voto de castidade, pelo que suplicou ao imperador, seu pai, que tivesse a bem que, sem deixar a corte, fizesse uma vida retirada, exemplar e recolhida. Surpreendeu gostosamente o piedoso imperador a generosa resolução da princesa, e ele mesmo quis dispor a casa lançando mão daqueles criados e oficiais cuja virtude e talentos julgou que haviam de congeniar mais com a cristã inclinação de sua filha, nomeando Paulo por seu primeiro estribeiro e João por seu mordomo-mor.

Muito em breve se fez distinguir e começou a celebrar-se em toda a corte sua prudência, seu despejo, sua cultura, sua urbanidade e sobretudo sua virtude, sendo o assunto mais frequente das conversações do palácio. Especialmente a princesa, que os tratava mais de perto e conhecia melhor que todos a sólida piedade daqueles dois senhores, não se fartava de louvá-los; mas os fez muito mais célebres um sucesso sem dúvida muito singular.

Os citas, nação bárbara e cruel, entraram na Trácia com um formidável exército, enchendo tudo de terror até as mesmas portas de Constantinopla, que então estava edificando Constantino e ainda não se achava em estado de defesa. Levantou prontamente o imperador todas as tropas que pôde para opô-las àquela torrente; e, sabendo que o melhor general de seus exércitos era Galicano, como o havia experimentado na guerra contra os persas que acabava de terminar gloriosamente, nomeou-o general do exército que mandou marchar contra os citas.

Embora Galicano estivesse ainda sepultado nas trevas da gentilidade, com tudo isso era um senhor muito estimado na corte por seu valor e pelas vitórias que havia conseguido contra os inimigos do império. Já havia sido cônsul e aspirava por seus méritos aos primeiros empregos; pelo que não quis admitir o mando daquela expedição senão com as duas precisas condições de que, se voltava vitorioso, se lhe havia de fazer cônsul segunda vez e o imperador lhe havia de dar por esposa a princesa Constância.

Na primeira não havia dificuldade; mas na segunda achou-se muito embaraçado o imperador, como quem não ignorava a resolução da princesa, e não pôde dissimular sua inquietude. Informada Constância do embaraço em que se achava o imperador, seu pai, passou a seu quarto e,

conhecendo a falta que lhe fazia aquele oficial, cheia de confiança em Deus e muito segura de que o mesmo Senhor tomaria por sua conta a custódia de sua virgindade, deu seu consentimento para que a prometesse a Galicano por esposa; mas com a condição de que o general levasse em sua companhia seus dois gentis-homens João e Paulo, deixando na da mesma princesa suas duas filhas Ática e Artêmia, que havia tido no primeiro matrimônio. Aceitou-se prontamente a condição, e aquelas duas damas passaram logo ao serviço de Constância, marchando João e Paulo ao exército em companhia de Galicano. Deu este a batalha aos citas e foi quase de todo derrotado, ficando feita em pedaços grande parte do exército, de maneira que já só pensava em retirar-se quando os dois irmãos João e Paulo lhe aconselharam que fizesse voto de abraçar a religião cristã se Deus lhe concedesse a vitória. Fê-lo, e de repente ocupou tal terror o coração dos bárbaros que, baixando as armas e abatendo as bandeiras, se lhe renderam à discrição quando já parecia ter nas mãos uma vitória completa.

Mas mais gloriosa a acabava de conseguir a princesa, triunfando enfim da obstinação com que Ática e Artêmia se haviam entrincheirado até então no paganismo; pois, abrindo finalmente os olhos aos raios da divina graça e movidas não menos dos exemplos que das exortações de sua ama, abraçaram ambas nossa santa religião.

Enquanto na corte do imperador se celebrava o triunfo da fé na insigne conversão daquelas duas senhoras, chegou a notícia da completa vitória que Galicano havia conseguido dos citas; mas nenhuma outra circunstância a fez tão plausível como a milagrosa conversão do general que, depois de haver obrigado os bárbaros a abandonar toda a bagagem, a retirar-se a seu país e a pagar anualmente um tributo ao imperador, voltou à corte já não com o pensamento de receber a toga consular nem de desposar-se com a princesa Constância, mas com a resolução de abraçar a religião cristã e retirar-se do mundo para dedicar-se a Deus inteiramente. Não obstante, reconhecido o imperador a seus grandes serviços, criou-o cônsul e decretou-lhe as honras do triunfo. Concluído seu consulado, no qual deu liberdade a cinco mil escravos seus, retirou-se a Óstia com São Hilarino, fixando ali sua habitação e fundando um grande hospital, cuja direção tomou ele mesmo a seu cargo, servindo em pessoa aos pobres com tanta caridade que seu nome se fez famoso em toda a Igreja universal. O imperador Juliano, o Apóstata, que sucedeu ao filho de Constantino no ano de 361, noticioso do retiro de Galicano e do zelo com que socorria os cristãos, enviou-lhe ordem para que sacrificasse aos ídolos ou saísse logo da Itália. Retirou-se a Alexandria, onde continuou seus ofícios de caridade alentando os fiéis, atendendo às necessidades por todos os meios possíveis, até que mereceu a coroa do martírio no dia 25 de junho, em que a Igreja celebra sua memória.

Enquanto isso, restituídos já João e Paulo à corte para servir seus empregos no quarto da princesa Constância, prosseguiam com maior fervor que nunca no exercício de suas devoções e obras de misericórdia, distinguindo-se cada dia mais por suas crescidas esmolas e por sua insigne caridade. Do favor que logravam com a princesa e com o imperador só se valiam para o consolo dos infelizes; recorrendo todos a eles como a protetores de órfãos, pais de pobres e amparo de desvalidos.

Morto Constantino, o Grande, mantiveram-se na corte João e Paulo com o mesmo valimento e estima de seus filhos que haviam logrado durante a vida de seu pai, conservando-se-lhes em seus

empregos até depois que morreu também a princesa. Mas, logo que subiu ao trono Juliano, o Apóstata, e se declarou inimigo de Jesus Cristo com resolução de exterminar a religião cristã, nossos santos fizeram demissão de seus cargos; renunciaram o elevado lugar que ocupavam no estado e, retirando-se da corte como pessoas particulares, dedicaram-se inteiramente ao exercício de boas obras.

Dissimulou por algum tempo Juliano, contendo-o a qualidade e o mérito dos dois santos irmãos; mas, noticioso do muito bem que faziam aos cristãos e da singular veneração que mereciam, tanto dos grandes como do povo miúdo, resolveu pervertê-los ou perdê-los. Com este intento deu ordem a Terenciano, capitão de uma companhia de seus guardas, para que passasse a ver-se com eles e lhes desse de sua parte que, sendo seu ânimo honrar os oficiais antigos de Constantino e dos filhos deste príncipe, seus predecessores, desejava que viessem à corte e exercessem as funções de seus empregos. Responderam os dois santos que estavam sumamente reconhecidos à honra com que a bondade do imperador se dignava distingui-los; mas que, sendo cristãos os dois, não se podiam resolver a servir no palácio de um imperador que tão altamente se havia declarado contra a religião que professavam.

Deu conta Terenciano ao imperador desta resposta; mostrou irritar-se muito com ela e, em tom colérico e arrebatado, protestou que somente lhes concedia dez dias de prazo para que tomassem seu partido e que, se, passados estes, não se rendiam a sua vontade, ele os faria experimentar até onde podiam chegar os efeitos de sua indignação. Informados os santos das ameaças do imperador pelo oficial que lhes intimou sua resolução, responderam-lhe que podia assegurar a Sua Majestade que, não havendo no mundo respeito algum capaz de fazê-los titubear na fé que professavam, era ociosa tanta dilação; que nem dez dias nem dez anos os fariam apostatar; que nem reconheciam nem adoravam outro deus que o verdadeiro e estavam prontos a dar seu sangue por seu amor e por sua glória.

Não obstante quanto ofendeu a Juliano tão generosa resposta, dissimulou e deixou em paz os dois irmãos. Aproveitaram aquele tempo os ilustres confessores de Cristo para prevenir-se ao martírio; distribuíram todos os seus bens aos pobres e empregaram-se dia e noite em exercícios de devoção e em obras de misericórdia. Passados os dez dias, buscou-os numa casa Terenciano e, depois de mil protestos de amizade, não poupou diligência alguma para persuadi-los de que ao menos na aparência condescendessem com a vontade do imperador. «Não vos pede Sua Majestade, dizia-lhes, que renuncieis publicamente vossa religião; não pretende que concorrais aos templos e que neles rendais adorações aos deuses do império; contenta-se com que privadamente tributeis culto ao grande Júpiter, cuja imagem vos apresento»; e, dizendo isto, tirou de debaixo da capa um idolozinho daquela mentida deidade. Horrorizados os dois santos ao ver dentro de sua casa aquela sacrílega estátua: «Fazei-nos, senhor, mercê, exclamaram sobressaltados, de apartar de nossos olhos objeto tão abominável. É possível que um homem, não já de vosso despejado entendimento, mas de mediana razão, possa incorrer em semelhantes desacertos e que a ideia só que temos de Deus não baste a convencer-vos de que não é possível haja mais que um e que todo aquele risível montão de sonhadas deidades não é mais que uma ímpia extravagância?»

Interrompeu-os Terenciano e disse-lhes que, pois persistiam em ser cristãos, era preciso que se resolvessem a perder a vida. Ao ouvir esta sentença, os dois santos irmãos puseram-se de joelhos

e, levantando os olhos ao céu, renderam mil graças a Deus pela mercê que lhes fazia.

Temeu-se uma sedição em Roma pela geral estima que mereciam os dois santos, se chegava aos ouvidos do povo a notícia de sua morte; pelo que se deu ordem ao oficial que a executasse em segredo. Assim o fez, mandando-lhes cortar a cabeça à meia-noite dentro de sua mesma casa, em cujo horto fez abrir uma profunda cova onde os mandou enterrar, muito satisfeito de que igualmente ficava sepultada a notícia de seu martírio. Mas ficou estranhamente surpreendido quando soube na manhã seguinte que a publicavam todos os possuídos do demônio, queixando-se aos gritos de quanto os atormentava o Deus dos mártires João e Paulo; sendo o que mais levantava a voz um filho do mesmo Terenciano, de quem se apoderou de repente o inimigo. Mas, implorando seu pai a intercessão dos mesmos santos, ficou o filho repentinamente livre, com cujo milagre se converteu Terenciano e toda a sua família. Desde então, isto é, desde o ano de 363, foi célebre em toda a Igreja o culto dos dois santos, erigindo-se pouco tempo depois uma muito magnífica no sítio de sua mesma casa, que até hoje tem seu nome e é título de cardeal, venerando-se nela suas relíquias. Os sacramentários antigos da Igreja romana, especialmente o do papa Gelásio e o de São Gregório, o Grande, não só trazem missa particular para o dia de sua festa, mas também para o de sua vigília, que antigamente era de jejum; o que acredita a solenidade com que se celebrava.

Martirológio Romano

Em Roma, no monte Célio, os santos mártires João e Paulo, o primeiro intendente, o segundo primício da virgem Constância, filha do imperador Constantino, os quais, no tempo de Juliano, o Apóstata, foram passados a cutelo, recebendo assim a palma do martírio.

Em Trento, São Vigílio, bispo, que, esforçando-se por extirpar de todo os restos da idolatria, foi apedrejado por uns homens bárbaros e ferozes e feito mártir pelo nome de Jesus Cristo.

Em Córdoba, na Espanha, a festa de São Pelágio, terno infante que pela confissão da fé foi, por ordem de Abderramão, feito em pedaços com umas tesouras, consumando gloriosamente seu martírio.

Em Valenciennes, São Sauvio, bispo de Angoulême, e São Superio, mártires.

Além disso, a comemoração de Santo Antelmo, bispo de Belley.

No Poitou, São Maixan, presbítero e confessor, que foi célebre em seu tempo por seus milagres.

Em Tessalônica, São Davi, eremita.

No dito dia, Santa Perseveranda, virgem.

Em Clermont, na Auvérnia, Santo Ajudou, confessor.

Em São Mauro, perto de Paris, São Babolino, primeiro abade do dito lugar.

Em São Pedro de Dives, diocese de Séez, São Vamberto, cura pároco, morto pelos normandos vindos da Dinamarca.

Em Tournai, no noviciado dos jesuítas, a recepção do corpo de Santa Depa, virgem e mártir, trazido do cemitério de Priscila, em Roma.

Em Otricoli, perto de Roma, São Benedito, médico, martirizado sob o imperador Antonino e o juiz Sebastião.

Em Roma, o venerável Adeodato, papa.

No dito dia, São João Tauroscita, bispo dos godos, lançado ao desterro por Leão Isáurico porque defendia o culto das santas imagens.

Em Gubbio, São Rodolfo, bispo, que havia sido discípulo de São Pedro Damião e discípulo de Santa Cruz de Avellana.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos, e a oração é a que se segue:

> **Latim:** *Quæsumus, omnipotens Deus, ut nos geminata lætitia hodiernæ festivitatis excipiat, quæ de beatorum Joannis et Pauli glorificatione procedit, quos eadem fides et passio vere fecit esse germanos. Per Dominum nostrum...*

Português: Suplicamo-vos, ó Deus todo-poderoso, que encheis nossas almas do duplicado gozo que nos corresponde pela duplicada glória dos dois santos João e Paulo, verdadeiramente irmãos na constância da fé e na coroa do martírio. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 44 do livro da Sabedoria (do Eclesiástico).

Eclesiástico 44,10-15

> **Latim:** [10] Sed illi viri misericordiæ sunt, quorum pietates non defuerunt. [11] Cum semine eorum permanent bona : [12] hæreditas sancta nepotes eorum, et in

> testamentis stetit semen eorum : [13] et filii eorum propter illos usque in æternum manent : semen eorum et gloria eorum non derelinquetur. [14] Corpora ipsorum in pace sepulta sunt, et nomen eorum vivit in generationem et generationem. [15] Sapientiam ipsorum narrent populi, et laudem eorum nuntiet ecclesia.

Português: [10] Mas aquêles são varões de misericórdia, cujas obras de piedade não faltaram: [11] Com a posteridade dêles permanecem os seus bens. [12] Os seus netos são uma santa herança, e a sua posteridade se manteve constante nas alianças: [13] E os seus filhos em consideração dêles é que permanecem para sempre: A sua prosápia e a sua glória não será abandonada. [14] Os seus corpos foram sepultados em paz, e o seu nome vive na sucessão de todos os séculos. [15] Os povos publiquem a sua sabedoria, e anuncie a Igreja o seu louvor.

Nota

«O autor do livro intitulado Eclesiástico ou Sabedoria, de onde se tirou esta epístola, depois de haver ditado máximas de moral e de boa conduta para todos os estados da vida no corpo de seu livro, conclui sua obra com os elogios dos grandes homens que por sua virtude ilustraram sua pátria e sua nação, aos quais propõe por modelo.»

Reflexões

De onde nasce aquela contínua série de bênçãos como hereditárias que fixam as prosperidades das famílias e de certo modo as fazem felizes como por direito de sucessão? Certamente não nasce dos bens que se amontoaram; pois vemos a cada passo casas muito opulentas, cuja prosperidade não faz mais que assomar-se, e à segunda geração voltam a cair na miséria e na obscuridade de onde saíram. Quantas famílias ilustres se viram extintas! Quantos pais ricos que deixaram arruinados seus herdeiros! Quantos filhos estúpidos e insensatos de pais entendidos e discretos! Quantos dissipadores dos bens que amontoaram seus pais à custa de seu afã e de sua prudente economia! O gênio da fortuna é inquieto; por bom recebimento que se lhe faça nas famílias, não há que esperar que se mantenha nelas muito de assento. Oh, e de quantos altos e baixos se compõe nossa vida! Que de revoluções há nela, as quais provam concludentemente que a mais brilhante prosperidade é um relâmpago que deslumbra e desaparece. Desenganemo-nos: só o amor e a fidelidade à religião, só o retiro e a solidão fazem hereditárias as prosperidades; sobretudo, a caridade e a esmola semeiam a fortuna e asseguram a felicidade. Não há melhor defensivo contra o golpe dos ventos e contra o estrago dos temporais que as choças dos pobres. Suas bênçãos conjuram as tempestades; suas mãos, por assim dizer, sustentam a boa fortuna. Os homens de caridade e de misericórdia sempre deixam uma rica herança. Além de que sempre subsistem os monumentos de sua piedade e se fazem permanentes os bens que traspassam a seus herdeiros.

Mas aquelas almas duras com os infelizes, aqueles corações insensíveis às misérias alheias, aqueles homens sem piedade e sem misericórdia amontoam de ordinário grandes tesouros de iniquidade, que se propaga frequentemente até as mais remotas gerações; mas suas riquezas as rói o verme e a traça, sem que por via de regra cheguem às mãos de seus netos: «O que derrama abundantemente seus bens no seio dos pobres, diz o Profeta, nunca se desvia do senda da justiça e será elevado ao cume do poder e da glória.» O mesmo diz o Sábio que o Profeta, porque o mesmo Espírito os animava aos dois. Ditoso aquele que se compadece do pobre e do aflito; se ele mesmo chegasse a ver-se em aflição e em necessidade, o Senhor acudirá logo a consolá-lo e a socorrê-lo; ele o fortificará e o conservará em todos os perigos da vida; fá-lo-á ditoso na terra apesar de quantos esforços façam seus inimigos para perdê-lo. Coisa estranha! Apura-se todo o entendimento humano em discorrer precauções, e toda a jurisprudência é inventar termos para assegurar as heranças e as ricas sucessões, substituições, fideicomissos, doações, glosas, etc., e nada basta para evitar as revoluções nem para fixar a fortuna. Eleva-se uma sobre as ruínas de outras, e as mais rápidas não costumam ser mais duráveis. Todos esses colossos estribam sobre pés de areia. Queres que seja menos perecedoura essa fortuna? Queres que seja eterna? Pois funda-a sobre o alicerce da caridade, se é lícito falar assim. Sê homem de misericórdia e permanecerão os bens que deixares a teus herdeiros.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,1-8

> **Latim:** 1 Multis autem turbis circumstantibus, ita ut se invicem conculcarent, cœpit dicere ad discipulos suos : Attendite a fermento pharisæorum, quod est hypocrisis. 2 Nihil autem opertum est, quod non reveletur : neque absconditum, quod non sciatur. 3 Quoniam quæ in tenebris dixistis, in lumine dicentur : et quod in aurem locuti estis in cubiculis, prædicabitur in tectis. 4 Dico autem vobis amicis meis : Ne terreamini ab his qui occidunt corpus, et post hæc non habent amplius quid faciant. 5 Ostendam autem vobis quem timeatis : timete eum qui, postquam occiderit, habet potestatem mittere in gehennam : ita dico vobis, hunc timete. 6 Nonne quinque passeres veneunt dipondio, et unus ex illis non est in oblivione coram Deo ? 7 sed et capilli capitis vestri omnes numerati sunt. Nolite ergo timere : multis passeribus pluris estis vos. 8 Dico autem vobis : Omnis quicumque confessus fuerit me coram hominibus, et Filius hominis confitebitur illum coram angelis Dei :

Português: 1 E COMO se tivessem ajuntado á roda de Jesus muitas gentes, de sorte que huns a outros se atropelavão, começou elle a dizer a seus discípulos: Guardai-vos do fermento dos

Fariseos, que he a hypocrisia. [2] Porque nenhuma cousa ha oculta, que não venha a descobrir-se: e nenhuma ha escondida, que não venha a saber-se. [3] Porque as cousas que dissesest nas trévas, ás claras serão ditas: e o que fallastes ao ouvido no gabinete, será apregoado sobre os telhados. [4] A vós-outros pois, amigos meus, vos digo: Que não tenhais medo d'aquelles que matão o corpo, e depois d'isto não tem mais que fazer. [5] Mas eu vos mostrarei a quem haveis de temer: temei aquelle, que depois de matar, tem poder de lançar no inferno: sim eu vo-lo digo, temei a este. [6] Não se vendem cinco pardáes por douz reís, e nem hum d'elles só está em esquecimento diante de Deos? [7] E até os cabellos da vossa cabeça todos estão contados. Pois não temais: porque de maior valia sois vós-outros, que muitos pardáes. [8] Ora eu vos declaro: Que todo o que me confessar diante dos homens, tambem o Filho do homem o confessará ante os anjos de Deos:

Meditação

Da hipocrisia

Primeiro ponto

Considera que a hipocrisia é uma máscara em matéria de devoção, tanto mais execrável quanto é mais ímpia, pois do mesmo culto de Deus se serve contra o mesmo Deus. Lança mão do ar, do nome e do semblante da virtude para encobrir o vício. Não há na religião coisa tão augusta nem tão sagrada que não a profane; nenhuma tão divina que não abuse dela; enfim, a hipocrisia é uma dupla impiedade.

Contrafaz todas as virtudes para deslumbrar e para enganar com maior segurança. Devoção terna, humildade profunda, desinteresse universal, zelo ardente, caridade generosa, mortificação exterior, doçura aparente e sobretudo uma modéstia afetada, a mais própria para alucinar e para enganar; tudo o põe em prática para granjear reputação, para adquirir o nome de santo, a cujo favor comete o hipócrita as mais enormes maldades. O orgulho é a alma da hipocrisia, e seu fruto natural é a irreligião.

Pode-se comparar a hipocrisia àquela mulher de que fala São João no Apocalipse, vestida de púrpura e de escarlate, coberta de ouro, cravejada de pérolas e de pedraria, com uma taça de ouro na mão, mas cheia de abominação. Todos os vícios fazem fortuna cobertos com o véu da hipocrisia; zomba sempre das almas singelas, as quais indefectivelmente caem em seu laço; porque não é fácil defender-se de um inimigo de quem não se desconfia. O veneno de que se serve o hipócrita se comunica pelos olhos e pelos ouvidos. Tudo o que se vê edifica, tudo o que se ouve de sua boca é louvável; nem sequer se oferece à imaginação o artifício: de sorte que é preciso que muitos caiam na rede. Não inventou o demônio enredo mais comum nem mais poderoso para perder muitas almas. Pela hipocrisia se introduziram quase todas as heresias; a ela devem seus progressos; ela é seu principal agente. Busca uma só que não se tenha coberto com o belo vestido de reformar, que não tenha entrado gritando contra o relaxamento. Ário afeta um exterior tão

humilde, tão composto e tão devoto que lhe fazem a corte todas as mulheres devotas de Alexandria. O bispo Nestório e o monge Êutiques enganam o povo e os grandes com sua exemplar exterioridade. Pelágio é reputado por um santo sacerdote. Lutero e Calvino só pregam reforma; enfim, sempre se estendeu o veneno da heresia com o nome de religião, de mortificação e de piedade. Santo Deus, que vício mais pernicioso! Que impiedade mais digna de temer-se!

Segundo ponto

Considera que contra nenhum outro vício se explicou mais fortemente Jesus Cristo; quando tratava dele, parece que se esquecia de sua moderação e que arrimava a um lado todo comedimento e medida. «Ai de vós, dizia, escribas e fariseus hipócritas, que sois semelhantes aos sepulcros caiados; por fora formosos aos olhos dos homens e por dentro cinza, caveiras, ossos, fedor e podridão!» Assim sois vós: no exterior homens ajustados, no interior gente perversa, atestados de hipocrisia e de iniquidade. «Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que fechais aos homens as portas do reino dos céus; e, como vós jamais haveis de entrar por elas, quereis que estejam tapadas para os demais que se apresentem com desejo de que se lhes franqueiem! Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que fazeis no templo longas orações e depois devorais as casas das pobres viúvas! Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que, sendo muito escrupulosos em pagar exatamente o dízimo do coentro, do anis e do cominho, atropelais o mais importante da lei, abandonando a justiça, a misericórdia e a fidelidade! Bom é fazer o primeiro, mas sem omitir o segundo. Diretores cegos, infelizes e descaminhados, que, quando bebeis, fazeis escrúpulo de engolir um mosquito e não o fazeis de engolir um camelo! Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, muito cuidadosos da limpeza exterior do prato e da capa, ao mesmo tempo que no interior tudo é rapina e sujeira! Serpentes, geração de víboras, como vos livrareis de ser precipitados no inferno?» Considera que o que fala assim é o mesmo Jesus Cristo; aquele dulcíssimo Salvador, cujo caráter era o da brandura e da misericórdia; aquele que absolveu a mulher adúltera, que defendeu a pecadora, que comia com os publicanos e tratava brandamente os pecadores. É o mesmo que trata com tanto desprezo, com tanta dureza os hipócritas. Compreende a enormidade deste pecado pelo horror que lhe professa, e mais quando não se sabe que tenha convertido nem um só hipócrita.

Mas quantos gêneros há de hipocrisia! Dissimulações, artifícios, fingir-se alguém o que não é e ocultar o que é em matéria de devoção, de honradez, de amizade e de virtude. Tudo está cheio de simulações, tudo de máscaras de diferentes espécies; mas a hipocrisia mais perigosa é a que arremeda a virtude e a devoção. Pode-se duvidar se o hipócrita crê em Deus, por não agravá-lo mais dizendo que zomba dele. Lembremo-nos de que o Antigo e o Novo Testamento estão cheios de imprecações contra os embusteiros, contra os mascarados, contra os dissimulados, contra os hipócritas; objetos dignos do aborrecimento de Deus e da indignação dos homens de bem.

Meu Deus, e quanto tenho de que emendar-me neste ponto! Quantas vezes me disfarcei, não já para enganar-vos a vós, Deus de minha vida, mas para enganar-me a mim mesmo e aos demais! Atendendo mais a compor o exterior que a regular meu coração para que caminhasse em espírito de retidão e de sinceridade; quantas vezes me lisonjeei interiormente do que é preciso que me

faça chorar algum dia! Perdoai-me, Senhor, por vossa infinita misericórdia, esta falta de sinceridade. Vós estais olhando, vós estais penetrando o coração do homem; confio em vossa divina graça que já não vereis nem sombra de hipocrisia no meu.

Jaculatórias

> *Quæ est spes hypocritæ? numquid Deus audiet clamorem ejus cum venerint super eum angustiæ?* Jó 27.

Em que coloca sua confiança o hipócrita? Acaso ouvirá Deus seus clamores quando vier sobre ele o dia da tribulação?

> *Spiritum rectum innova in visceribus meis.* Sl 30.

Renova, Senhor, em meu coração o espírito de verdade e de singeleza.

Propósitos

1. Quantas hipocrisias julga o homem que lhe são permitidas para dissimular o que é e para afetar o que não é, sobretudo quando se considera necessária a boa reputação para o bem comum? Quanta multidão de homens há no mundo cuja vida é uma contínua hipocrisia, ocupada toda em ostentar virtudes aparentes e em ocultar vícios verdadeiros! Como a arte é mais industriosa que a natureza, sempre deixa muito atrás a hipocrisia a verdadeira virtude. Que horror deves professar a este vício! Há muitas sortes de hipocrisia: simulação de amizade, simulação de compostura, simulação de gravidade, simulação de juízo, simulação de modéstia, simulação de criação e de urbanidade. Mas a mais perigosa de todas as hipocrisias, como já se disse, é a que se emprega em contrafazer a virtude e a devoção. Foge de todas cuidadosamente, impondo-te uma lei irrevogável de ser sempre o mesmo que pareces por fora. Não há coisa mais odiosa na vida civil nem na cristã que o representar um personagem de comédia. Sê sempre no fundo do coração bom amigo, bom amo, bom criado, bom religioso e bom cristão. Se admiram todos tua exterior doçura e suavidade, nunca dês lugar em teu coração nem a fel, nem a ressentimento, nem a amargura. Se se celebra tua modéstia, seja a mesma tua circunspecção e tua reserva quando estás só em teu quarto que quando sais à rua ou te deixas ver no meio da praça; observa a mesma compostura, a mesma gravidade, a mesma cortesia em particular que em público; porque nunca é lícito a um homem honrado fazer papel de comédia.

2. Já que fica advertido que a mais odiosa de todas as hipocrisias é a de fingir virtude e devoção, trata de ser solidamente virtuoso e devoto sem intermitências; nunca dependa tua devoção do humor, nem do tempo, nem da saúde, nem da continuação de teus negócios; em todas as ocasiões e em todas as circunstâncias deves ser humilde, devoto, religioso e mortificado. Pode e deve avivar-se teu fervor nas festas grandes; mas a devoção nunca há de fazer ausência: poderás alguma vez ser menos fervoroso; mas nunca te é lícito ser indevoto. Ao público deves a edificação; a Deus e a ti a perseverança. Jamais te dispenses em teus exercícios espirituais; se alguma vez te vires obrigado a mudar de diretor, nem por isso mudes tua regra de viver, mas que seja para adiantar em perfeição. As mortificações interiores e ocultas são menos suspeitas; o ruído diminui de ordinário o mérito da virtude; não convém que os louvores ponham em perigo a virtude, a turbem ou a alterem. Igual devoção se deve professar, seja entre os aplausos, seja entre os desprezos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:38 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:38 by Admin